

Se vocês querem, se lhes toca ser lacanianos, eu sou freudiano

Leonardo Adalberto Francischelli¹, Porto Alegre

Resumo: Trata-se de um pequeno texto de amor. Amor de Lacan por Freud, que o leva a se insurgir contra o que ele denominou desvios dos caminhos, das vias abertas por Freud com o descobrimento do inconsciente. O mundo sai da segunda grande guerra, na década de quarenta/cinquenta, como se fosse uma primavera depois de tanto inverno. É nesse cenário que se apresentam três grandes maestros, todos inspirados em Freud: Bion, Lacan e Winnicott. Geograficamente separados pelo Canal da Mancha, claro está, por caminhos teóricos diferentes. Os da famosa ilha, contavam com a presença de Melanie Klein, autora de muitos conceitos psicanalítico, ainda vigentes. Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise, aquilo que poderíamos nomear como a carta de apresentação de Lacan no campo psicanalítico data de 1953, simultaneamente com seu primeiro seminário público - Os Escritos técnicos de Freud - se iniciam no mesmo ano como uma nova proposta de transmissão da teoria Psicanalítica. O último seminário dele foi em 1978/9 “A topologia dos tempos”. Além do que, contamos ainda, com os - Escritos -, primeira edição em francês é de 1966. Dispomos também, de novos - Escritos - que apareceram na França em 2001. O que tudo isso tem de comum com o meu breve artigo? Penso que nada, mas serve para uma pequena amostra da obra de Jacque Lacan que, nas palavras da Roudinesco,

Tratou de introduzir a peste, a subversão e a desordem no coração deste freudismo atemperado do qual era contemporâneo, um freudismo que, depois de ter sobrevivido ao fascismo, tinha sabido adaptar-se à democracia até o ponto de não reconhecer mais a violência de suas origens*.

PALAVRAS-CHAVE: Lacan. Freud. Lacaniano. Freudiano. Inconsciente.

1 Às vezes, Leonardo. Na maior parte do tempo, psicanalista.

* (Lacan - Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento - Roudinescou. E. - Fundo de Cultura Econômica-p.11

Leonardo Adalberto Francischelli

1

A frase que intitula o presente trabalho foi pronunciada por Lacan, quando esteve em um encontro em Caracas, capital da Venezuela, em 1980. Foi sua única conferência na América Latina. Nela, nessa manifestação enigmática, vinda de onde veio, cabem muitas interpretações, como não poderia deixar de ser. Desde a nossa perspectiva, ela sustenta que Lacan é Lacan por antes ser freudiano. Portanto, qualquer um que queira ser lacaniano, só obterá êxito se antes for freudiano.

Estas afirmações estão compatíveis com a lembrança de quando frequentávamos a APA, em Buenos Aires, nos caminhos da capacitação ao ofício de "cuidador de almas", leigo, quando escutávamos, de pelo menos dois transmissores da teoria psicanalítica, a seguinte observação: 'Cada psicanalista deve - imperativo - conhecer todo o pensamento de Freud'. Angel Garma, um dos mentores da fundação da APA, não parava de repetir essa sentença, enquanto transitávamos em seminários conduzidos por ele.

Nesse eterno devir que é tornar-se psicanalista, um percurso que nunca se fecha já que se abre a cada sessão de análise, Luis Storni foi outro encontro frutífero proporcionado por tão longas andanças. Impossível esquecer: ele sempre comentava que Freud era fácil de ler, porém difícil de entender. Isso nos parecia bastante esfíngico naquele momento. É necessário contar com a passagem do tempo, com o *a posteriori*, como no trauma de Emma, para que possamos ingressar no conteúdo profundo que essas ideias carregam consigo. O andar da carruagem vai nos revelando a importância desse processo de passar às novas gerações de psicanalistas os saberes que as palavras, escritas ou faladas, contêm na sua invisibilidade.

Ou melhor, nas eventuais cegueiras, como quando ouvíamos essas frases com um certo desdém. Porém...e há sempre um porém...quando as portas da clínica se abrem, e o campo freudiano se revela em toda a sua potência, fica claro que não há uma boa prática sem sustentação teórica, assim como não há psicanálise sem conhecimento do que Freud nos ensinou. Lacan é, com essa frase, o senhor da razão: sem Freud não há como instrumentalizar-nos para decifrar nos significantes de nossos analisantes os segredos dos gozos apaixonados que residem em sua alma. Podemos, contudo, seguir adiante.

Se vocês querem, se lhes toca ser lacanianos, eu sou freudiano

Após a Segunda Guerra Mundial, nasceram três grandes interpretações dos textos freudianos. Qual deles leu melhor Freud? Cada um responderá por si mesmo, lacanianamente, levando-se em conta o sentido duplo do verbo responder. De qualquer forma, depois seguiram-se outras gerações, também com leituras próprias, sempre de acordo com o mal-estar do seu tempo.

2

A originalidade de Freud, que desconcerta nosso sentimento, mas por si só permite compreender o efeito de sua obra, é o recurso literal. É o sal da descoberta freudiana e da prática analítica. Se não restasse fundamentalmente alguma coisa disso, há muito tempo que da psicanálise não restaria mais nada. Tudo decorre disso. Qual é esse outro que fala no sujeito, e de que o sujeito não é nem mestre, nem semelhante, que é o outro que fala nele? Tudo está aí (Lacan, 1955/1956, p. 280).

Esta declaração amorosa ocorreu quando Lacan foi convidado a fazer uma conferência, em 1956, na data do centenário do nascimento de Freud. Desse pequeno excerto, duas observações se impõem: primeiro, sobre a expressão "é o recurso literal", que alude ao deslocamento do sentido da palavra se distanciando do concreto, fixador do sentido, enquanto o literal expande seu conteúdo. A segunda seria sobre o conceito de sujeito, que não figura na linguagem freudiana na dimensão que lhe é dada por Lacan.

Um significante representa o sujeito para outro significante. É algo evanescente, ou melhor, puramente linguístico. E, já que chegamos ao significante (ou ele teria nos alcançado?), cabe lembrar que é de Freud, do capítulo sete da Psicologia das Massas, que Lacan retira o famoso traço único - *Einziger Zug*, em alemão (Freud, 1921, p. 121). Afinal, ainda que amparado em Saussure, é nesse traço único que Lacan fundamenta a construção do significante que, de acordo com Nasio, não necessariamente corresponde à palavra dada:

O significante é o tom da minha voz. O significante é minha mão que se move. O significante é que eu escolhi um vaso de cor vermelha com listras vermelhas. O significante que estou vivendo aqui em Paris. (...) O significante é todo elemento formal que manifesta um sujeito sem que ele perceba, sem que ele saiba é que um destaca de seu conjunto (Nasio, 2009).

Leonardo Adalberto Francischelli

Partindo da interpretação de Nasio, quanto ao significante lacaniano, da nossa parte diríamos que, se o significante não é palavra, está constituído por ela. Ou seja, o tom da voz, a cor do vaso, o fato de viver em Paris e tudo o mais que possa se ‘significantizar’ deverá, necessariamente, poder ser falado. Há que haver palavra, ainda que não dita, ainda que não consciente. Há que haver palavra, como que para catalogar as coisas. Existem inúmeras razões linguísticas que justificam nossa argumentação, trazida aqui de maneira sucinta já que não é especificamente o tema deste escrito. Esperamos deixar nos nossos leitores o desejo de um mergulho profundo nessa nova ciência, ausente na contemporaneidade de Freud.

3

"Singularmente, mas necessariamente cremos nós, fomos levados a Freud". A frase consta de *De nossos antecedentes* (Lacan, 1998, p.70), texto cujo título fala por si e que, aliás, é uma boa porta de entrada para se ingressar na obra lacaniana. Tomando a frase pelos seus dois advérbios de modo, ‘singularmente’ aporta um caráter de único, como quando nos deparamos com a singularidade de cada analisante, ou mesmo, quando afirmamos que todo bípede caminha, porém ninguém caminha como outro. Ou seja, faz emergir o ‘cada’ relativo ao ‘todo’. Já o ‘necessariamente’, que não se pode prescindir, indica que quem trabalha com a saúde psíquica do indivíduo não tem como desconsiderar os aportes de Freud.

"Assim nos aproximamos da maquinaria da passagem ao ato, e, quando mais não fosse, ao nos contentarmos com o cabide de autopunição que nos estendia a criminologia berlinense pela boca de Alexander e Straub, desembocamos em Freud" (Lacan, 1998, p.70). Seguimos nos "Antecedentes" com destaque particular a esse conceito de passagem ao ato, importante dentro do constructo teórico lacaniano, desenvolvido a partir do caso Aimée.

O caso de Marguerite Anzieu, ou Aimée, tornou-se o tema da tese de doutorado de Lacan. Marguerite se dirigiu ao teatro onde estava encenando uma obra que seria de sua autoria, para agredir a atriz principal da peça. Ela consegue feri-la com uma faca, contudo foi contida e em seguida hospitalizada. É ali que Lacan passa a trabalhar com ela e escreve sua tese denominada *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade*.

Se vocês querem, se lhes toca ser lacanianos, eu sou freudiano

A passagem ao ato é a ação que Aimée comete com a atriz. Significa que o delírio se expandiu, saiu do aparelho psíquico, pela força incontida do pulsional, e surge como ato assassino, contido pela ação do social. Lacan entendeu que o arcabouço teórico que fundamentava a psiquiatria alemã da época era insuficiente não apenas para a compreensão desse caso, mas também para contemplar seu espírito inquieto. Como resultado, desembarcou em Freud.

Prossegue o mestre francês,

...sobre as fantasias com que se apreende a ideia do eu" (Lacan, 1998, p.71) referindo-se ao seu trabalho histórico, *O estádio do espelho*, produzido em 1936, época em que Lacan estaria às portas das titulações de praxe. Esse texto foi apresentado no congresso da IPA, realizado em Marienbad, em 31 de Julho de 1936.

É seu trabalho de ingresso na produção teórica propriamente analítica, poder-se-ia sustentar, dando o lugar de como nasce o eu ou, como ele mesmo se sustenta em outro lugar: "meu objetivo ali foi evidenciar a conexão de um certo número de relações imaginárias fundamentais num comportamento exemplar de uma fase do desenvolvimento (Lacan, 1998/186).

Avançando, ainda em *De nossos antecedentes*, Lacan refere-se à (sua) "nossa inserção do inconsciente na linguagem" (Lacan, 1998, p.75), antecipando o que vai desenvolver em 22 de janeiro de 1964, no Seminário 11, publicado com o título *O inconsciente freudiano e o nosso* (Lacan, 1964). Nesse ano, Lacan desenvolveu o que entende como sendo os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: inconsciente, pulsão, repetição e transferência. Talvez se apresente aqui o nascimento de uma primeira diferença com seu mestre Freud, mas absolutamente patrocinado por ele com seus trabalhos monumentais como a *Interpretação dos sonhos*, *Os chistes é sua relação com o inconsciente* e a *Psicopatologia da vida cotidiana*.

4

No dia 08 de julho de 1953, em uma conferência na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), Lacan anuncia seus três registros: *Imaginário*, *Simbólico* e *Real*.

Leonardo Adalberto Francischelli

No mesmo ano, em 26 e 27 de setembro, no Instituto de Psicologia da Universidade de Roma, apresenta *Função e Campo da palavra e da Linguagem em Psicanálise*, conhecido como *O Discurso de Roma*. Este texto é compreendido como um manifesto, uma apresentação pública das ideias seminais de Lacan sobre sua tão apregoada volta a Freud, não precisamente a escrita freudiana, mas sobretudo ao espírito de suas ideias.

Regressando aos três registros, não é possível pensar que se trata de uma Metapsicologia. De acordo com Freud, esta distingue-se da Metafísica, e necessita de três elementos ou categorias: dinâmica, tópica e econômica. Só quando pudéssemos trabalhar com essas três estruturas poderíamos falar, solidamente, em uma metapsicologia. Por outrolado, os registros servem para marcar uma evolução no pensamento de Lacan: primeiro, privilegiando o imaginário; seguido pelo simbólico; e fechando com o real; ou seja, do SIR ao RSI.

Os registros *Simbólico*, *Imaginário* e *Real* guiam-nos no progresso da evolução das ideias teóricas de Lacan, à medida que ele vai avançando em seus desdobramentos. Inicia-se pelo *Imaginário*, tendo como fundamento o “estádio do espelho” avança-se para o *Simbólico*, onde o significante é a marca registrada, para chegar até o real, tendo como apoio central a *Das Ding*, que surge como conceito no Projeto de Freud, de 1895.

Real, porque o simbólico não consegue abraçar toda a coisa, algo não é absorvido pelo simbólico, como postula Freud no complexo do semelhante. Estamos então no que alguns chamariam de clínica do Real, onde algo sempre resistirá ao processo da cura e isso termina com a idealização da cura definitiva ou perfeita. É oportuno lembrar que a obra final de Freud - *Análise finita e infinita* – já apontava a rocha intocável, um limite inalcançável ao qual análise nenhuma vai chegar. Ideia que se reporta aos efeitos da castração, como uma fronteira limiar aos efeitos de uma análise.

Em Lacan, esse roteiro da clínica do real começa a se desenhar a partir do Seminário 17 - *O avesso da Psicanálise* -, onde ele nos apresenta os quatro discursos: *Mestre*, *Universitário*, *Histórica* e *Analista*. Agrega depois o discurso *Capitalista*. Trata-se de uma referência clínica ao que pode emergir da fala de cada analisando, suscitando intervenções diferentes, de acordo com a posição em que este se encontra.

Se vocês querem, se lhes toca ser lacanianos, eu sou freudiano

A partir do capítulo quinto desse seminário - *O campo Lacaniano* - também o discípulo inicia seu afastamento do Mestre. Por fim, o nó borromeu – não poderíamos deixar de mencioná-lo -, distração final de Lacan, é onde os registros jogam suas posições nas diferentes formas clínicas.

5

Das Ding...

O que Freud está introduzindo aqui é a coisa, noção que durante meio século permanecerá inexplorada pelos seus comentadores é que será retomada por Jacques Lacan (...), e apresenta alguma semelhança com que Lacan designará, mais tarde, como objeto a, sem que se tratem, contudo, de noções idênticas"(Garcia-Roza, 2001, p. 159).

“Objeto a”, objeto causa de desejo que, segundo Lacan, é sua única e verdadeira criação, em procura da *Das Ding* nunca mais encontrada. *Das Ding*, prossegue um pouco mais adiante Garcia-Rosa, “é o não representável, mas ao mesmo tempo, aquilo em torno do qual se organizam as representações (Vorstellungen)” (Garcia-Roza, 2001, p. 163). O autor complementa com um comentário de Lacan do Seminário 7: "O Ding como Fremde, estranho e podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como o primeiro exterior, é em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito" (Lacan, citado por Garcia-Roza, idem, ibid).

“Objeto a”, causa de desejo, com inspiração no objeto transicional de Winnicott, confessada por Lacan, porém com outra orientação teórica, muito distante do que indica o transicional winnicottiano. “Objeto a”, sendo objeto causa de desejo, é indestrutível, como nos adverte Freud (1900, p. 608), indicando que é um produto do inconsciente jamais alcançado. É como o futuro, que nunca se alcança, pois quando chegamos a ele, já é presente. Assim, *Das Ding'* é o irrepresentável, e além de causa de desejo, é o inconsciente que, segundo Lacan, não cessa de não se inscrever.

Leonardo Adalberto Francischelli

6

Outro ponto a comentar, na esfera de fechamento destes breves comentários, uma brevíssima exposição sobre a vasta produção lacaniana, seria sobre a técnica, o tempo lógico. Esta ideia aparece em um trabalho denominado *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada* (Lacan, 1998). Trata-se de um novo sofisma, de 1945, publicado na revista *Les Cahiers d'Art*.

Em curtas palavras: um diretor de presídio se dirige a três prisioneiros, propondo que um deles obterá a liberdade, desde que aceitem submeter-se a uma prova. Como se trata da liberdade, não poderá haver nenhum acordo explícito entre eles, que deverão obter, isoladamente, suas próprias conclusões. Desse sofisma surgem os três tempos: o instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir.

São três tempos lógicos, singulares a cada um, impondo-se assim seu afastamento do nosso calendário habitual do passado, presente e futuro. São tempos subjetivos - tempos do inconsciente atemporal? - que se objetivam no momento de concluir.

Não deixa de ser um quebra-cabeça, contudo dentro dos princípios lógicos, se pode chegar lá. Lacan escreve intuição, juízo, colocando que o juízo assertivo se manifesta por um ato: "... o [eu] psicológico de que se trata aqui define-se pela subjetivação de uma ocorrência com o outro na função do tempo lógico" (Lacan, 1998, p. 208). Este [eu] se traduz para nossa língua como "Je", o qual não é outra coisa que o sujeito do inconsciente.

Pois bem, a introdução do tempo lógico como corte na sessão de análise poderia ser, ou é uma ruptura revolucionária com a tradicional modalidade do tempo do cronômetro. O tempo do relógio, por sua vez, segundo algumas versões, nasce da ideia pedagógica de quanto tempo somos capazes de absorver uma tese que vem do outro. Foi instrumentalizado por Freud como a duração do tempo de uma sessão.

Então, ali estão analista e analisante, organizados por uma determinada temporalidade que deve ser obedecida, ainda que a maior parte do tempo servisse para fechar o "inconsciente" em lugar de abri-lo e deixar o analisante seguir seu trabalho solo.

A experiência cansa de mostrar que, indubitavelmente, nas duas modalidades espera-se que o analista abra o inconsciente do analisante.

Se vocês querem, se lhes toca ser lacanianos, eu sou freudiano

Contudo, com a marcha da sessão, aquilo que se abriu se fecha naturalmente. Na lógica do tempo lógico, o fundamento passa pelo momento de concluir a sessão, dispensando o analisante ao seu próprio discernimento. Uma prática audaz exige, pois, de seu praticante uma ética da castração, dura de acatar porque ela é a representação da pulsão de morte, além de uma sólida forma de não banalizar o tempo lógico.

Leonardo Adalberto Francischelli

Referências

- Garcia-Roza, L.A. *Introdução à metapsicologia freudiana*. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- Freud, S. (1900). *La interpretación de los sueños*. Obras completas, v. V. Buenos Aires: AE, 2013.
- Freud, S. (1921). *Psicología de las masas y análisis del yo*. Obras completas, v. XVIII. Buenos Aires: AE, 2013.
- Freud, S. (1937). *Análisis terminable e interminable*. Obras completas, v. XXIII. Buenos Aires: AE, 2013.
- Nasio, J. D - *Revista de Psicoanálisis - Tomo LXVI*, volume 4, dezembro de 2009. Lacan, J. (1955-1956). *O Seminário*, Livro 3. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- Lacan, J. (1964). *O Seminário*, Livro 11. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- Lacan, J. De nossos antecedentes. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp.69-76. Lacan, J. Formulações sobre a causalidade psíquica. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Leonardo Adalberto Francischelli
leofrancischelli@yahoo.com.br